

Grupo de peemedebistas rompe com o governo

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Romper imediatamente com o governo Sarney, constituir um bloco independente no PMDB e continuar a luta pelas eleições diretas para presidente da República este ano. Estes são os principais pontos do manifesto assinado por 93 peemedebistas e entregue ontem pelo senador José Richa ao presidente do partido e da Constituinte, Ulysses Guimarães. Entre os signatários do documento estão os três senadores de São Paulo, Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e Severo Gomes. Há também três deputados que votaram a favor do mandato de cinco anos para os próximos presidentes da República: Antônio Gaspar (MA), Hélio Manhães (ES) e Ruy Nedel (RS).

"Não acredito na recuperação do PMDB e só não saio do partido por companheirismo", disse Richa após entregar o manifesto a Ulysses. Este respondeu que o partido terá força para superar as dificuldades. Por isso, não acredita que os dissidentes deixarão o PMDB.

O objetivo do documento, segundo Richa, é deixar nítida a posição do grupo, para que seus integrantes não sejam confundidos com os peemedebistas que tomaram decisões consideradas condenáveis durante as votações da Constituinte. O senador paranaense afirmou ainda que o manifesto representa o início de um movimento para qual o

governo não representa mais nada.

Colocando-se acima de qualquer facção, Ulysses preferiu um tom conciliador e reafirmou sua pregação pela união do PMDB. "Nós construímos esta casa, que é o PMDB. Não a alugamos nem a ganhamos. Por isso, temos de preservá-la. Peço que vocês me ajudem para que eu erre menos e acerte mais", disse.

OS SIGNATÁRIOS

De São Paulo, além dos três senadores — Covas, Fernando Henrique e Severo —, subscreveram o manifesto de rompimento com o governo os deputados Robson Marinho, Antônio Perosa, Geraldo Alkmin, Doreto Campanari, João Hermann, José Serra, Fábio Feldmann, Koyu Iha e José Carlos Grecco. De Minas, o senador Ronan Tito e o deputado Luiz Alberto Rodrigues. Do Rio, o senador Nelson Carneiro e os deputados Miro Teixeira, Artur da Távola, Paulo Ramos, Ana Maria Rattes, Ronaldo César Coelho e Márcio Braga. Do Paraná, o senador José Richa e os deputados Euclides Scalco, Hélio Duque, Oswaldo Macedo, Waldir Pugliesi, José Tavares, Maurício Fruet, Nelson Friedrich e Nilso Sguarezzi. De Brasília, o senador Pompeu de Souza (amigo pessoal de Sarney há mais de 30 anos) e os deputados Geraldo Campos e Sigmaringa Seixas. Do Maranhão, os deputados Antônio Gaspar e Haroldo Sabóia. Do Espírito Santo, o senador José Inácio Ferreira e os de-

putados Lézio Sathler, Hélio Manhães e Rose de Freitas. Da Bahia, os senadores Jutahy Magalhães e Rui Bacelar e os deputados Francisco Pinto, João Carlos Bacelar, Miraldo Gomes, Genebaldo Correia, França Teixeira, Celso Dourado, Domingos Leonelli, Joaci Góes, Jorge Hage, Jorge Medauar, Raul Ferraz, Fernando Gomes, Marcelo Cordeiro, Nestor Duarte, Virgildásio de Senna e Uldorico Pinto. Do Ceará, deputado Firmo de Castro. Do Rio Grande do Sul, os senadores José Fogaça e José Paulo Bisol e os deputados Antônio Britto, Hermes Zanetti, Irajá Rodrigues, Ivo Lech, Nelson Jobim, Ruy Nedel, Vicente Bogo. De Santa Catarina, os senadores Nelson Wedekin e Dirceu Carneiro e os deputados Francisco Kuster, Paulo Macarini, Wilson Souza, Ivo Vanderlinde. Do Acre, o senador Aloísio Bezerra. De Rondônia, os deputados José Gueses e Ronaldo Aragão. Do Pará, o senador Almir Gabriel. Da Paraíba, os deputados Antônio Mariz, e Cássio Cunha Lima. De Pernambuco, o senador Mansueto de Lavor e os deputados Egício Ferreira Lima, Gonzaga Patriota e Wilson Campos. De Alagoas, o senador Teotônio Vilela Filho e o deputado Renan Calheiros. De Mato Grosso do Sul, os deputados Plínio Martins e Valter Pereira. De Mato Grosso, o senador Márcio Lacerda e os deputados Percival Muniz e Antero de Barros e de Goiás, o senador Iran Saraiva.

Ulysses brinca com Richa

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"Eu o admiro muito, Richa, porque você foi prefeito e este foi o único cargo que eu não ocupei até hoje." A afirmação, do deputado Ulysses Guimarães, durante a entrega do documento dos dissidentes do seu partido, deixou muitos dos presentes intrigados, principalmente após ouvirem a observação do senador Fernando Henrique Cardoso, que respondeu imediatamente: "Por isso não, presidente, o PMDB está precisando de um bom candidato em São Paulo".

O tema foi motivo de muitas gargalhadas, mas houve quem achasse que se tratava de um aceno do presidente da Constituinte para tentar concorrer ao único cargo que não ocupou até hoje, como ele mesmo disse, uma prefeitura. Sem candidato forte, esta seria uma solução para o PMDB e poderia ser analisada como uma forma de unir o grupo, bastante desintegrado, e atualmente passando por um processo de desagregação. Além do mais, seria

uma forma de não deixar o presidente Ulysses desamparado pelos próximos anos já que a Constituinte poderá acabar até o meio do ano, o que lhe tiraria o título de presidente da Constituinte. Em fevereiro, serão realizadas eleições para presidente da Câmara, quando perderia o segundo título, restando-lhe, assim, o de presidente do PMDB. A candidatura à Prefeitura, segundo alguns constituintes, poderia ser uma saída, já que Ulysses Guimarães descartou a proposta de se tornar vice-presidente de Sarney, caso seja aprovada a emenda do deputado João Agripino. Ontem, ao ser questionado sobre o assunto, o presidente da Constituinte prometeu se pronunciar oficialmente a respeito na próxima semana.

Diante da insistência de um repórter sobre a possibilidade de vir a se candidatar, Ulysses respondeu: "Trata-se de uma brincadeira". O repórter observou então que a brincadeira poderia ter um fundo de verdade. Mostrando-se cansado, Ulysses desabafou: "Brincadeira é brincadeira, não tem fundo nenhum".

Continua a luta por diretas

Este é a íntegra do manifesto dos peemedebistas:

"O PMDB se firmou como partido e obteve suas vitórias eleitorais a partir da luta que travou pela democracia e dos compromissos que assumiu com o povo brasileiro para melhorar sua condição de vida e assegurar um desenvolvimento econômico vigoroso que resguardasse os interesses do País.

Foi neste contexto que o PMDB conduziu a transição democrática e assegurou a eleição de Tancredo Neves, com o propósito claro de, no período de quatro anos, devolver ao povo o direito de escolha do presidente.

As votações relativas ao sistema de governo e à duração de mandato, com a intervenção aberta do Palácio do Planalto, de ministros e de outras autoridades empenhados em garantir cinco anos de mandato para o presidente através de todo tipo de pressão, culminaram um processo que já vinha ocorrendo na Assembléia Nacional Constituinte

pelo qual princípios programáticos do partido foram recusados por parlamentares do próprio PMDB.

O confronto do Planalto com a Assembléia Nacional Constituinte e a cumplicidade de alguns de seus membros com o governo perturbaram o curso normal da transição democrática.

Diante deste verdadeiro assalto que o PMDB sofreu por parte de membros do partido descomprometidos com suas lutas fundamentais, os abaixo-assinados resolveu:

— Romper de imediato com o governo Sarney e concitar os verdadeiros peemedebistas a fazer o mesmo;

— Constituir um bloco independente no PMDB que lutará para dar continuidade às bandeiras da luta democrática e das reformas sociais;

— Continuar na luta pelas eleições diretas este ano, declarando, desde já, que a vitória desta tese é a única alternativa que se abre ao País para garantir a legitimidade da ordem democrática".



Ao receber o manifesto, Ulysses diz que admira Richa porque o senador já foi prefeito

Alencar Monteiro

Um passo para novo partido

FLAMARION MOSSRI

Foi dado mais um passo para a criação de um novo partido de centro-esquerda com a decisão de 93 dos 276 constituintes do PMDB de romper oficialmente com o governo Sarney, criar o "bloco independente" e continuar a luta pelas eleições presidenciais ainda este ano. Assinaram manifesto neste sentido 23 senadores e 70 deputados.

Os signatários seriam 109, mas 16 do grupo de centro-esquerda saíram do PMDB antes da entrega do documento — entre eles Fernando Lyra, Pimenta da Veiga, José Costa e Cristina Tavares. O senador José Richa, que ontem fez a entrega do abaixo-assinado ao presidente do PMDB, afirmou que a implosão do PMDB ainda terá três fases: o término dos trabalhos da Constituinte, a convenção nacional do dia 5 de junho e o dia seguinte às eleições municipais de 15 de novembro.

Um dos coordenadores do manifesto de rompimento com o governo disse que foram evitadas várias assinaturas de deputados e senadores, sob a alegação de que "desfigurariam" o movimento. O informante não quis revelar nomes dos vetados. O documento diz que o bloco independente lutará para dar continuidade às bandeiras da

luta democrática e das reformas sociais, mas suprime o compromisso de cada signatário de deixar o partido se a Constituinte aprovar mandato de cinco anos para Sarney.

Entre os signatários figuram destacadas lideranças do PMDB, como Mário Covas, José Richa, Fernando Henrique Cardoso, Euclides Scalco, Nelson Carneiro, Severo Gomes, Nelson Jobim, Egício Ferreira Lima, Antônio Britto, Paulo Macarini e Francisco Pinto. Também assinaram o suplente do ministro Prisco Viana, deputado Miraldo Gomes (BA) e o filho do governador do Piauí, deputado Paulo Silva.

Os dois candidatos do grupo de centro-esquerda à Presidência da Câmara no período 89/90, Paes de Andrade (CE) e Bernardo Cabral (AM), não assinaram o documento. Não houve signatários do Amazonas, Rio Grande do Norte, Sergipe, Amapá e Roraima. O documento começou a ser preparado há 15 dias, logo após a chamada — superterça — na Constituinte, que aprovou o presidencialismo e o mandato presidencial de cinco anos. O primeiro texto foi elaborado durante reunião de senadores do PMDB no apartamento de Ronan Tito (MG).

Brasília/Agência Estado